

Ao encontro de novas experiências:

20 anos do SaGRAMA

Cecília Maria Gomes Pires

Université Versailles Saint-Quentin em Yvelines, França

ceciliampires@gmail.com

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar um estudo etnográfico comparativo entre parte da primeira turnê internacional (Paris, Lille e Bruxelas, em 2013) do grupo SaGRAMA (Recife/PE/Brasil) e o concerto de encerramento da turnê *Cordas, Gonzaga e afins*. Nesta comunicação usarei esses dois eventos como ponto de partida para discutir as diferenças entre eles, as tensões causadas entre os componentes e as possíveis mudanças que essas duas experiências podem aportar para a sequência da carreira do grupo.

Palavras-chave: SaGRAMA, armorial, etnografia

Abstract: This communication aims to present a comparative ethnographic study of part of the first international tour (Paris, Lille and Brussels, 2013) of the SaGRAMA group (Recife / PE / Brazil) and the closing concert of the “Cordas, Gonzaga e afins” tour. In this paper I will use these two events as a starting point to discuss the differences between them, the tensions caused between the components and the possible changes with which these two experiences can contribute to the career of the group.

Keywords: SaGRAMA, armorial, ethnography

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo iniciada no final de 2013 em Paris, fazendo parte de um dossier de pesquisa do primeiro ano de mestrado, durante a primeira tournée internacional do grupo SaGRAMA, realizada nas cidades de Paris, Lille e Bruxelas¹, e que foi concluída em dezembro de 2014, no encerramento da turnê com a cantora Elba Ramalho no projeto em homenagem a Luiz Gonzaga, que teve lugar em Recife. Além disso, utilizarei como análise, minhas observações de outros concertos que vi do grupo em datas anteriores, no que chamaremos de seus espaços habituais, como o Conservatório Pernambucano e Teatros na cidade do Recife.

Para construir o corpus deste trabalho nos baseamos em entrevistas e no contato pessoal que tivemos com o grupo durante a pesquisa de campo. Além disso, o diretor do grupo colocou à disposição arquivos pessoais que contribuíram para esta pesquisa.

O grupo SaGRAMA² foi criado no Conservatório Pernambucano de música em 1995, tendo como diretores o flautista Sérgio Campelo e o violonista Cláudio Moura. Composto por duas flautas (ou pífanos), um clarinete (ou clarone), um violão, uma viola sertaneja, um contrabaixo acústico, uma bateria, uma marimba (ou vibrafone) e percussão, sua origem data de um atelier amador para prática de música de câmara entre os alunos de flauta transversa de Sérgio Campelo. Apresentando uma sonoridade diferenciada, pois era o único grupo em Recife que utilizava percussão melódica na sua instrumentação, o grupo chamou a atenção de vários compositores pernambucanos, como José Menezes, Luiz Guimarães, Edson Rodrigues e também compositores que participaram do Movimento Armorial, como Clóvis Pereira e Dimas Sedícias. Anteriormente porém, Campelo havia sido flautista do grupo armorial Quarteto Romançal, conhecendo a fundo essa estética ao trabalhar ao lado de Ariano Suassuna e Zoca Madureira. Desta forma, desde essa época ele foi incorporando um pouco dessa estética à sua música.

A Música Armorial teve um papel fundamental e determinante no movimento cultural intitulado Movimento Armorial, criado em 1970 por Ariano Suassuna no estado de Pernambuco. Suassuna explicava que um dos seus principais objetivos era lutar

1 Não foi possível acompanhar o grupo durante toda a turnê, então esta pesquisa foi baseada no primeiro e no último concerto que aconteceram em Paris.

2 O nome do grupo foi definido pelo seu diretor Sérgio Campelo durante uma entrevista onde ele explica que o nome é de origem indu-européia que nomeia uma escala musical derivada das antigas escalas de cinco tons. Campelo completa que o nome nasceu do interesse de ter um nome neutro e musical.

contra o processo de descaracterização e vulgarização da cultura brasileira (Suassuna 2002: 19). Neste movimento cultural, ele propôs uma arte erudita baseada na cultura popular, reconhecendo e destacando a mistura de raças do povo brasileiro. O movimento teve uma representação musical desde seu lançamento e teve larga expressão no seio do centro de artes e comunicações da Universidade Federal de Pernambuco e no Conservatório Pernambucano de música. O movimento durou aproximadamente 10 anos (Santos 2009: 31), mas a música armorial continuou presente através dos músicos que participaram no movimento, como também em diferentes grupos que surgiram influenciados por essa estética armorial, produzindo uma música popular ou erudita, mas principalmente inspirada nos folgedos populares do nordeste brasileiro. Atualmente, o grupo SaGRAMA é considerado como um dos principais herdeiros desta estética. Segundo Campelo, seus discos possuem uma sonoridade e estética desenvolvidas durante seu período de experimentação, somadas ao apoio dos compositores armoriais. Dessa forma, o Armorial teve um papel decisivo na história do grupo. Porém, no último álbum, lançado em 2010, o grupo parece desatar-se do rótulo armorial, como se estivesse à procura de novos horizontes estéticos.

Tomamos como ponto de partida e apoio metodológico para esta descrição etnográfica o estudo de François Laplantine (Laplantine 2010), estando aqui transformada e organizada textualmente nossa observação como uma ferramenta de luta contra o esquecimento da experiência vivida. Sendo assim, organizamos essa descrição etnográfica a partir do local onde foram feitos os concertos, o repertório escolhido, o público participante e as interações do grupo antes, durante e depois das apresentações, utilizando esses mesmos elementos para o estudo comparativo.

Em 2013, o grupo teve apoio do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura – Funcultura PE³ para realizar sua primeira turnê fora do Brasil. Segundo Campelo, convencido que a experiência traria mais credibilidade e visibilidade, tocar no exterior seria decisivo para a história do grupo. Além do apoio do Governo de Pernambuco, o SaGRAMA se cercou de uma equipe de produção local, em Paris, que organiza concertos em alguns lugares que muitas vezes tinham na programação

3 O Funcultura PE é um mecanismo de promoção e difusão da produção cultural em Pernambuco. Através de editais anuais, o Funcultura permite que produtores e artistas recebam financiamento diretamente do Governo do Estado para a realização de projetos em várias áreas culturais, como por exemplo artesanato, fotografia, teatro, dança, circo, ópera, música, audiovisual, literatura, patrimônio.

música brasileira. Esta associação se chama "Le P'tit Bal Perdu" e, na época, um destes produtores era um brasileiro de Recife radicado em Paris que conhecia o grupo.

A associação que fazia a produção dos shows tem como objetivo destacar as danças de casal e executa animação e espetáculos de dança e música brasileira, especialmente o forró. Para os concertos em Paris, a produção propôs ao grupo adaptar o repertório para deixá-lo de maneira um pouco mais comercial e dançante. Como o grupo tem origem nordestina, foi sugerido tocar forró, na moda desde aproximadamente 2005 em Paris. Como de costume nos concertos de forró nesta cidade, uma aula de dança foi dada antes do concerto para, na sequência, o SaGRAMA subir no palco para que o público pudesse praticar a dança que havia aprendido. Tocar no âmbito de um "baile de forró" era um contexto novo para o grupo, coisa que nunca havia ocorrido no Brasil. Assim, se no Brasil, o SaGRAMA, originalmente um grupo de música instrumental, estava acostumado a tocar em salas de concerto, teatros e auditórios, em Paris, ele foi convidado para tocar em uma boate (clube noturno) e uma sala de concertos popular, dois lugares inéditos para o grupo.

Para os concertos em Paris o grupo escolheu algumas músicas que foram adaptadas a esse contexto particular e às quais foram adicionadas algumas músicas mais conhecidas do nordeste do Brasil. O repertório incluiu composições dos membros da banda, misturadas com standards de forró e frevo de Pernambuco, incluindo músicas de Luiz Gonzaga, Flávio José, Maciel Melo, Maestro Duda, Maestro Nelson Ferreira, entre outros. Os membros do grupo me disseram que fizeram arranjos específicos para cada música, já que o grupo trabalha sempre com a música escrita. Frederica, flautista, cantou algumas músicas durante estes concertos, o que acontece raramente no Brasil. Foram visíveis, nos dois concertos em Paris, as dificuldades que o grupo teve na forma de lidar com a plateia e com o repertório que eles haviam preparado.

O primeiro concerto teve lugar em uma boate em Paris no dia 13 de novembro de 2013, no Bizz'Art, no Quai de Valmy. É uma sala que parece uma casa noturna com shows: segurança na entrada, bar com assentos no balcão, pista de dança e mesas para jantar no mezanino com vista para o palco. Este, por sua vez, era muito estreito para um grupo de nove músicos, sobretudo para os percussionistas que tiveram que dividir o espaço com um DJ. Sérgio, Frederica e Crisóstomo estão acostumados a

tocar sentados, mas dessa vez tocaram em pé. A plateia era composta, em sua maioria, por indivíduos entre 20 e 35 anos, de classe média e, aparentemente, ninguém sabia nem sobre o gênero forró nem sobre o SaGRAMA. Notamos que os poucos brasileiros que estavam eram amigos do professor de dança e da produção – talvez eles tenham sido convidados porque já sabiam dançar o forró e poderiam ajudar acompanhando os novos aprendizes. A aula de dança começou às 21:30, o professor começou com poucos participantes (pois nem todos pareciam estar interessados no curso) dando uma curta explicação sobre o gênero musical. Durante uma hora, o público aprendeu as noções básicas da dança para poder participar no baile.

O concerto contou com momentos para dançar, mas também de simples escuta. Enquanto o grupo tocava seu repertório habitual, que possui um caráter mais “erudito”, observamos que o público aproveitou a oportunidade para ir ao bar pegar uma bebida, uma vez que a música não o estimulava a dançar (talvez por causa do arranjo ou da mudança rítmica lhes trazer dificuldades).

Quatro dias depois, o grupo encerrou sua turnê no “La Bellevilloise” em Menilmontant, um lugar com uma estrutura completamente diferente do primeiro: é oficialmente um café-concerto, com um amplo restaurante com uma sala de shows. A entrada abre-se para o restaurante com um terraço e uma entrada separada para o clube - onde os concertos são realizados.

Este concerto foi o mesmo que no Bizz'Art: o mesmo repertório e até a mesma afluência. Já o curso de dança foi diferente porque, além de um maior número de participantes, foi dado desta vez pela professora Marion Lima, diretora da associação “Le P'tit bal perdu”, uma francesa já conhecida nos bailes de forró em Paris. Às 21:30 o curso começou e foi observada uma maior afluência do que no primeiro concerto.

Antes do show, os músicos se reuniram no camarim, muito felizes com o resultado da turnê. Falaram das boas vendas de discos, como também das felicitações recebidas após os concertos. O palco do “La Bellevilloise” era maior, dando mais mobilidade para os músicos, que tiveram a oportunidade de se divertir no palco. Tarcísio, o percussionista, deixou seu lugar atrás dos flautistas, e ficou na frente do público com a Zabumba durante os standards de forró. Por causa da má experiência do primeiro concerto, a produção do SaGRAMA teve a ideia de envolver a esposa de Sérgio Campelo, Nara Frej, que é dançarina e às vezes intervém com sua

companhia de dança em shows do grupo em Recife. Assim, enquanto SaGRAMA tocava música com ritmos de folguedos nordestinos desconhecidos para o público francês, como guerreiro, maracatu ou ciranda, Nara mostrava como dançar esses ritmos e o público respondeu muito rapidamente, repetindo cada novo passo com a bailarina e, finalmente, todos se colocaram a dançar não só o forró, como também as outras músicas do SaGRAMA.

A principal diferença entre os dois concertos realizados estava no público presente. No Bizz'art, primeiro show da turnê, o grupo não tinha ideia do tipo de público e do que a produção tinha organizado para o concerto. O grupo não estava muito confortável, nem o público, que reagia com apatia ao repertório proposto, que não era o forró. Em contrapartida, no “La Bellevilloise” o último show da turnê, o grupo estava mais à vontade com o lugar (palco), e havia mais brasileiros presentes, que conheciam os standards propostos pelo grupo para os concertos em Paris. Algumas peças foram ainda tomadas pelo público, que foi desta vez mais alegre e participativo.

O concerto do SaGRAMA foi anunciado como de um grupo de música popular do Nordeste, com o objetivo de apresentar a cultura popular desta região do Brasil através da música e da dança. “Aprender a dançar e dançar a noite inteira o forró” foi o slogan do projeto que esperava o SaGRAMA nesta turnê. Para um grupo acostumado a tocar em auditórios no Brasil, com um público mais atento à apreciação da sua música, as proposições dos concertos em Paris representaram uma situação inédita para o grupo.

Como segundo elemento comparativo será descrito o concerto de encerramento da turnê com a cantora Elba Ramalho, desta vez no Recife, que diferentemente dos concertos em Paris, levou o SaGRAMA a um outro universo musical, desta vez desempenhando o papel do grupo de acompanhamento desta cantora.

A produção do evento foi beneficiada pelo apoio da empresa de cosméticos Natura, que abriu um concurso para novos projetos de música brasileira. A produtora Margot Rodrigues propôs para este concurso uma homenagem ao compositor Luiz Gonzaga, cantor famoso e compositor importante na história da música brasileira, conhecido como o «rei do baião» e, incontestavelmente, a voz mais famosa da música do Nordeste. A produtora propôs realizar uma homenagem com uma linguagem diferente de outras que já tinham sido feitas. Numa breve entrevista no camarim, pudemos perguntar o porquê de convidar o grupo SaGRAMA para

participar neste projeto; ela me respondeu que a música de Gonzaga sempre foi interpretada da mesma maneira por outros músicos, mas ela gostaria de transmitir esta música com uma outra «roupagem»: a da estética musical armorial e, segundo Margot, nenhum outro grupo poderia mostrar a música de Luiz Gonzaga sobre o ângulo da estética armorial, além do SaGRAMA. O grupo não só participou no concerto, como também fez todos os arranjos. Além disto, a produção convidou uma cantora famosa do Nordeste, Elba Ramalho, conhecida por ser a principal voz feminina do gênero, e que festejava no mesmo ano seus 35 anos de carreira.

A turnê foi realizada em vários estados do Brasil. Descreveremos o concerto de encerramento que aconteceu no dia 13 de dezembro de 2014, por ocasião da comemoração póstuma dos 102 anos de Gonzaga, no teatro Luiz Mendonça Filho, localizado no Parque Dona Lindu, à beira-mar em Setúbal. Esse concerto contou com um público de 3000 pessoas, representando o maior público que o SaGRAMA já teve no Recife.

O projeto "Cordas, Gonzaga e Afins", além de Elba Ramalho e SaGRAMA, teve a participação de um quarteto de cordas, um baterista e dois acordeonistas. A tipografia do cartaz destacava a associação entre a cantora e o grupo. A palavra "Cordas" centra-se no acompanhamento e caráter "erudito" da proposta, "Gonzaga" é o mestre que recebeu a homenagem, "Afins" representa a abordagem armorial do concerto e os convidados que participaram na gravação do projeto em DVD. Este concerto foi uma outra maneira do grupo apresentar no seu repertório de música popular atual. Apesar de ter tido destaque no cartaz, o grupo SaGRAMA foi, no entanto, mantido como um grupo de acompanhamento e, como grupo instrumental, ele tornou-se simplesmente uma orquestra dando suporte a Elba Ramalho.

Apesar de ter sido planejado como um show-tributo a Luiz Gonzaga, o repertório selecionado continha além de suas músicas, canções memoráveis da carreira de Elba. No meio do concerto, o SaGRAMA teve a sua única oportunidade de tocar música instrumental: tratou-se de um arranjo presente no seu repertório há anos, que é um tributo a Luiz Gonzaga, chamado "Mundo do Lua". Era uma maneira de não interromper o concerto durante a mudança de figurino da cantora, e foi o único momento onde o grupo pôde participar tal como ele é: um grupo de música instrumental.

Durante uma entrevista com Campelo, ele respondeu com entusiasmo à ideia de tocar como um grupo de acompanhamento; todos os shows da turnê tiveram um

grande público, Campelo imaginava que isso daria maior visibilidade ao SaGRAMA. No entanto, nos parece que aconteceu o inverso: a impressão que ficou foi que o grupo foi simplesmente visto como um grupo que acompanhava uma cantora famosa. Ouvimos vários comentários do público antes e depois do show, e a maioria falava do concerto como sendo da cantora, sem qualquer reconhecimento ao SaGRAMA. Para Campelo porém, o SaGRAMA está chegando em um nível onde eles podem tocar em qualquer palco. Ele retomou a ideia do último álbum que se chama "Chão batido, palco, picadeiro" para reafirmar os três tipos de palcos subentendidos no título desta turnê. Segundo Campelo, assim eles podem conseguir mais concertos e ganhar mais visibilidade.

Além disso, também tivemos a oportunidade de falar com outros músicos do SaGRAMA que, do seu lado, não pareceram aderir às novas diretrizes do grupo; eles me pareceram preocupados e com medo que o SaGRAMA mudasse seu estilo de tocar. Por exemplo, nem todos os músicos apreciaram os concertos em Paris. Alguns me disseram que não estavam muito contentes, pois temiam que o SaGRAMA se distanciasse da proposta inicial de ser um grupo de música instrumental de câmara para se tornar mais um grupo de baile ou de acompanhamento de cantores populares. Tal problemática se aproxima da discussão, mesmo que com algum atraso, que Tinhorão (2006: 176) engaja em relação à mudança da música popular brasileira que no “despontar do século XXI” se encontra em uma encruzilhada de qual caminho artístico escolher. Todavia, Campelo acha tal mudança positiva, pois com essas novas propostas, mais oportunidades de trabalhos podem surgir. Na ocasião do vigésimo aniversário do grupo, acreditamos que as discussões em torno dessas novas propostas serão inevitáveis e podem resultar em alterações significativas no resultado do trabalho do grupo; neste caso, o rótulo armorial provavelmente não fará mais sentido para o grupo.

O objetivo deste trabalho foi mostrar um grupo que chegou aos seus vinte anos de carreira e se encontra nessa encruzilhada com as duas perspectivas que agora tem pela frente: continuar no mesmo segmento trabalhando como um grupo de música instrumental, ou então trabalhar no palco em segundo plano, como um grupo de acompanhamento ou de baile. Sendo um grupo originalmente ligado à música armorial, o grupo abraçou muitos estilos de música para aumentar as oportunidades de concerto. O SaGRAMA concordou em mudar um pouco seu discurso para se

tornar mais popular e entrar na rede do baile-forró na Europa. Em seguida, o grupo participou noutra turnê dessa vez acompanhando a cantora Elba Ramalho. Sendo o SaGRAMA um grupo que tem muita importância na vida musical da cidade do Recife, que construiu uma linguagem própria e vem influenciando vários músicos na cidade, resta-nos aguardar os próximos passos, talvez uma nova orientação, para em seguida continuar esse estudo sobre o grupo.

Bibliografia

Laplandine, François and François de Singly (2010) *La description ethnographique*. Paris: Armand Colin.

Santos, Idelette Muzart Fonseca dos (2009) *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. 2ª ed. rev. Campinas: Unicamp.

Suassuna, Ariano (2002) "Movimento foi uma bandeira". *Continente Multicultural*, 14 (2): 19-20.

Tinhorão, José Ramos (2006) *Cultura popular: temas e questões*. 2ª ed. São Paulo: 34.